



ENSAIOS **TEXTUAIS**

Desenvolvimento Pra Quem?

AUTOR
Hidalgo Romero
Documentarista

Chovia torrencialmente.

De tempos em tempos parávamos para filmar a paisagem. Abria a janela, protegia a câmera com um guarda-chuva e ficava ali, com o REC acionado, ouvindo o dilúvio. As águas tudo permeavam, tudo molhavam, em tudo infiltravam. Mesmo seco, me sentia encharcado.

Onde estava não havia nenhum traço humano, exceto a própria estrada. Antenas de celular, caixas d'água, casinhas, fios elétricos, postes, nada. O cerrado de altitude, baixo e de um verde escuro que por vezes parecia cinza, recebia a chuva com claro deleite. Parecia confortável em ser molhado. A terra, com uma coloração alaranjada e cheia de pedras esbranquiçadas, parecia estar flutuando em um imenso rio. Tudo era rio. Pedra, terra, vegetação e céu se uniam nos pingos grossos e abundantes da chuva.

Subíamos a serra com uma câmera e um equipamento de gravação de som, em meio ao Parque Nacional da Serra da Canastra^[1]. A paisagem, tenho certeza, era parecida, se não idêntica àquela encontrada pelos portugueses há 500 anos, quando eles subiram por meses o rio São Francisco desde sua foz, em Alagoas. Chegaram exatamente onde eu me encontrava. Na nascente do Velho Chico.

Subitamente, como num passe de mágica, a chuva cessou. "Passamos as nuvens! Agora você conseguirá enxergar melhor a paisagem", disse o motorista. Estávamos no topo do mundo. A visão encheu meus olhos.

No caminho para a nascente, paramos numa base avançada do ICMBio, na qual os pesquisadores e brigadistas dormem e recarregam as energias. Íamos buscar Sávio Freire Bruno, professor da UFRJ e pesquisador da fauna e da flora da região, mais especificamente do Pato Mergulhão, um animal que literalmente mergulha nas águas translúcidas da Canastra. Um animal em extinção. Mais um animal em extinção.

Em determinado momento Sávio pediu para o motorista estacionar o carro e disse que doravante seguiríamos caminhando. Ele me contou com muito entusiasmo sobre aquele tipo de cerrado, também chamado de Campos de Altitude. Falou sobre o nome das árvores, plantas e animais e, finalmente, apontou para um grande vale no horizonte.

"A nascente do rio São Francisco não ocorre com aquela concepção de nascente que a gente tem por exemplo em uma região florestal, onde você vê um córrego, aquele leito d'água saindo de uma pedra ou de uma grotta. No momento em que as águas de uma chuva caem nesse vale, escorrem por esse capim, o capim flechinha, alcançam o solo, encharcam o solo. Esse solo começa a drenar essas águas para pequenas ravinas e sulcos que vão todos convergindo em direção ao ponto mais baixo do vale, aquele capão de mato que você está vendo lá".

Esse ponto é a nascente oficial do rio São Francisco.

As águas primeiras do Velho Chico não brotam do chão. Vêm dos céus!

Me debrucei no pequeno córrego da nascente do São Francisco e bebi sua água. Lavei meu rosto e falei baixinho, quase num sussurro. "Por favor, me leve com você até o mar." E deixei esse desejo seguir seu curso, imaginando os 2830 quilômetros que ele percorreria até chegar de fato no mar.

Esta foi a primeira gravação da primeira viagem que fiz em 2018 para um projeto no qual eu iria trabalhar nos próximos dois anos. Da Nascente à Foz é uma série televisiva que produzi e dirigi para o Canal Futura, sobre rios brasileiros. O nome é auto explicativo e o projeto se apresenta como uma "Série de Viagem". Tal qual o filme de viagem, ela tem o roteiro de seus episódios definidos pelo próprio dispositivo usado. Há necessariamente um deslocamento espacial, linear, cronológico, que liga as duas pontas da história, no caso, do rio. E no meio do caminho há um determinado número de paradas.

O projeto nasceu em 2014, em meio a uma grande seca que acometeu o sudeste do Brasil. Li uma reportagem que dizia que a nascente do rio São Francisco havia secado. As mudanças climáticas prometidas para nosso século finalmente chegaram. Imaginei como poderia ser interessante ir da nascente à foz de um rio, filmando.

"Se os rios pudessem falar, quais histórias contariam?". Essa era minha frase de efeito na proposta de série documental que enviei ao Canal Futura. Eu imaginava que os rios, se pudessem falar, contariam a história de nosso país a partir de uma perspectiva urbanística, de ocupação do território. Porém, eu tinha interesse na ocasião em histórias de vida, de encontros e desencontros, amores perdidos, dores e afetos. Imaginei uma série focada em personagens que viviam suas vidas junto aos rios.

Em decorrência da complexidade da produção - encontrar meios de transporte que me levassem até a nascente e depois até a foz, esquema de hospedagem e alimentação, etc., busquei parceiros que pudessem contribuir com a logística do projeto. Fui bater à porta do Instituto Sócioambiental, o ISA, em São Paulo. Foi o coordenador de comunicação do instituto, Bruno Weiss, quem me recebeu. "Acho muito importante que você tenha a preocupação de registrar em uma série de documentários alguns dos rios mais importantes do Brasil. Mas, o ISA está menos preocupado com o que aconteceu com os rios e muito mais preocupado com o que vai acontecer com eles".

Essa afirmação mudou imediatamente os rumos do projeto.

Rios passam por territórios em conflito. Ou melhor, desenham territórios em conflito. Disputas por terra, fundamentalmente. Além de estarem no centro do debate desenvolvimentista sobre matriz energética. Rios dão acesso

ao mar e são fontes abundantes de água para irrigação, tornando-se cobiçados pelo agronegócio. Passam por terras indígenas, terras quilombolas, comunidades ribeirinhas e grandes centros urbanos com sistemas de coleta e tratamento de esgoto precários, conectando regiões, interesses, povos e culturas. São estratégicos do ponto de vista econômico e político, de um lado, e fundamentais para o bem viver^[2] e para questões ambientais, de outro. Os conflitos gerados por múltiplos e diversos interesses e visões criam muita tensão sobre a temática dos rios e bacias hidrográficas e acabam na maioria das vezes anunciando tragédias.

A partir dessa nova perspectiva, convidei a bióloga e ativista ambiental Renata Nitta para realizar a pesquisa do projeto. Ela foi coordenadora da Campanha de Clima e Energia do Greenpeace e tem grande experiência em conflitos ambientais. Assim, Da Nascente à Foz se tornou uma série socioambiental, que tentou evidenciar conflitos.

RIO SÃO FRANCISCO

O Lago de Sobradinho é um dos maiores lagos artificiais do mundo, criado a partir da Barragem de Sobradinho, com o represamento do rio São Francisco, na década de 70.

Quando os topógrafos projetaram o lago, antes mesmo das obras, iniciou-se um amplo programa de negociação de terras e remanejamento das populações que habitavam as áreas que seriam alagadas. Não conheço de fato esse processo, mas conheci Zé Preto, agricultor, que nasceu e cresceu às margens do rio e foi uma das pessoas removidas.

Ele me recebeu alegre em sua casa, na cidade de Remanso, na Bahia, próximo do atual leito do lago. Um lugar no Semi-Árido, muito seco quase todo o ano. Mostrou seu terreno, suas plantas, suas flores e sua cisterna, que, segundo ele, salvou a vida de milhares de sertanejos.

Na medida em que conversávamos, ele se emocionou inúmeras vezes ao se lembrar da vida na beira do rio, antes de ser represado. Lembrou canções que sua mãe lhe cantava quando criança, do cheiro de suas terras e das brincadeiras de menino. "Éramos ricos e não sabíamos que éramos ricos. Não conhecemos a fome, pois todo alimento vinha do rio e das roças que a gente plantava na vazante. A gente possuía de tudo e agora a gente não possui mais nada".

Era evidente que ter sido obrigado a sair do lugar onde nasceu e cresceu lhe trouxe sofrimento. Me perguntava em meio ao relato de Zé Preto se aquele desterramento havia sido calculado pela equipe que elaborou o projeto da barragem. Se havia sido mensurado. Se houve algum tipo de política pública que lidasse com os desdobramentos emocionais e psicológicos que o lago implicava nas populações diretamente afetadas.

Descobri que muitas famílias que haviam sido removidas

não tinham fornecimento de energia elétrica até hoje. Mesmo na casa de Zé Preto a energia havia chegado há pouco mais de uma década apenas. E segundo ele, a preços altíssimos. Impossível não se indignar com tamanha contradição. As pessoas que, em nome do progresso de todo o país, são obrigadas a viver o desenraizamento, não usufruem sequer dos benefícios gerados por ele.

Em dado momento da nossa conversa fui convidado a ir para a beira do lago, no local mais próximo onde a família de Zé vivia. No caminho, a paisagem era formada por um gigantesco pasto, com algumas árvores secas e mortas no meio, repleto de bois. Os 15 km que tínhamos que percorrer pareciam intermináveis. Avançávamos lentamente na estrada esburacada de terra e, na medida que nos aproximávamos do rio, o semblante de Zé Preto ficava mais sóbrio, grave e triste.

"Estamos no meio da barragem de Sobradinho", ele nos disse na metade do caminho. "Aqui encheu tudo de água e olha o deserto aí. Não pode chamar isso aqui de vazante não. Pode chamar isso aqui de deserto. Porque virou deserto. Teve muita luta de terra. Morreu foi gente aqui. No cacete, pau bravo, no 38, facão, na foice... Por causa de terra. Uns querem ser donos de tudo e outros não têm nada. Até hoje a merda ainda avoa, homem. O pau come ai. Hã. Moço, só a cobra que conhece o diabo".

As terras que seriam alagadas pela água foram adquiridas pelo Estado. Quando o lago foi formado e as águas ocuparam a extensão calculada pelo projeto, não houve sequer um manejo de animais silvestres, quem dirá da madeira das matas. Famílias inteiras foram removidas. Porém, depois de poucos anos, as águas baixaram lentamente e nunca mais atingiram a cota inicial. E então, feita a constatação de que em consequência de eventuais cálculos mal feitos, da mudança do regime das chuvas e da diminuição do volume de água do rio São Francisco, realmente as águas não voltariam a subir até aquele ponto novamente, as terras recém-adquiridas foram passadas para frente. A esse processo se refere Zé Preto quando diz que houveram conflitos por terra na "vazante" que virou deserto.

Eu nunca tinha visto um mecanismo tão eficiente de redistribuição de terras. Ou, talvez, um processo tão eficiente de concentração de terras. Tão eficiente que ninguém parece saber. As dezenas de pequenas propriedades da agricultura familiar passaram a ser posse de poucos latifundiários.

Ao chegar na beira do lago, Zé Preto calou completamente e andou nervoso pela margem. Quase uma hora depois, disse: "Nosso país tem esta dívida com o Velho Chico, que ele nunca vai pagar... Nada no mundo vai pagar a floresta que eles mataram. Nada do mundo vai fazer voltar o tempo. Dá vontade de chorar."

E assim nos despedimos.



Zé Preto na beira do Lago de Sobradinho, na cidade de Remanso- BA.

Fiquei longos meses com a imagem de Zé Preto caminhando aflito às margens do Lago de Sobradinho. Fui entendendo a questão devagar, na medida em que avançava na série. Esse problema é comum a todas ou quase todas as barragens feitas no Brasil. Muitas pessoas, muitos animais e muitas florestas pagaram um alto preço para que o Brasil pudesse produzir energia. Todas as vezes que passo em grandes avenidas de qualquer cidade do país na época de natal e vejo a quantidade de luzes acesas, que piscam, que enfeitam as ruas com renas, trenós e bonecos do Papai Noel, me lembro de Zé Preto. Foi para isso que tiramos as raízes dele da terra?

Em 4 de outubro de 1501 o rio Opara, nome na língua Caeté, foi batizado de rio São Francisco por Américo Vespúcio. Distante 25 quilômetros mar adentro ele percebeu que a coloração das águas estava marrom, bem diferente da cor das águas daquela região do estado de Alagoas. Achou curioso e provou-a, constatando que ela era doce. Foi em direção ao continente e chegou na foz do Velho Chico, que media 5 quilômetros de boca e literalmente empurrava o mar 25 km. Opara significa “tão grande quanto o mar”, ou apenas, “Rio-Mar”.

Robério Goés, morador e condutor de ecoturismo de Piaçabuçu em Alagoas, me contou que em 1979, a última grande cheia do São Francisco, o volume de água foi medido em 34 mil metros cúbicos por segundo. Em 2004, também na época da cheia, alcançou 21 mil metros cúbicos por segundo.

Em 2018, no mesmo período, o volume foi de 550 metros cúbicos por segundo. Sua foz hoje tem apenas 500 metros. O rio deixou de ser navegável em toda sua extensão, pois se tornou raso, assoreado e tem um volume de água irrisório, se comparado há poucos anos.

Dados chocantes.

RIO PARANÁ

O segundo rio filmado foi o Paraná, principal canal receptor da segunda maior bacia hidrográfica do Brasil e a quarta maior bacia hidrográfica do mundo^[3]. Quase todas as águas que caem no centro da América do Sul chegam em algum momento ao rio Paraná. Ganha seu nome na pontinha do Triângulo Mineiro, entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, após a junção do rio Grande e do rio Paranaíba. Deságua na Bacia do Prata, Argentina, após percorrer 4880 km.

Na língua Avá-Guarani, Paraná significa “como o mar”.

Ao assistir às imagens que fiz com um drone, verifiquei que o rio Paraná em boa parte de seu trajeto brasileiro é cristalino, como uma piscina. Talvez por isso ele receba grande quantidade de gente em suas margens, que se acomoda entre caixas de som, churrasqueiras, bóias e linhas de pesca. O rio recebe muitos turistas ao longo do ano, tornando-se uma importante fonte de renda para os moradores da região. Infelizmente, essa não é nem a principal nem a maior economia em torno do rio. No Paraná, o principal negócio é a produção de energia elétrica.



Torres de transmissão de energia no rio Paraná, no Pontal do Paranapanema - SP.

Na cidade de Três Lagoas conversei com o geólogo e professor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, José Cândido Stevaux, que estuda grandes rios tropicais. "Sabíamos da catástrofe antes mesmo de construir as barragens", disse ele.

O rio Paraná é um rio de planalto e essa condição é propícia à instalação de uma grande quantidade de barragens para a construção de hidrelétricas. Na bacia, existem cerca de 150 grandes barragens. "Os impactos ecológicos são extremos", diz Stevaux. O problema não é a poluição, ele explica. "Rios são barrentos, lamacentos e marrons por natureza". Levam ao mar grande quantidade de matéria orgânica, coletada em seu trajeto. Tudo que foi vivo e morre nas suas águas é levado ao mar, ou serve de alimento no próprio rio. Quando

construímos uma quantidade tão brutal de barragens, criamos reservatórios gigantes para a decantação da água. Os resíduos sólidos se acomodam no fundo desses grandes reservatórios e a água livre dessa matéria orgânica desce às turbinas, límpida e transparente. "Isso pode ser bom para o turismo, mas, para o rio, é uma tragédia".

Esse mecanismo gera dois problemas, que são mais ou menos graves a depender da escala. O primeiro problema é o da manutenção do ecossistema do próprio rio e da bacia.

Quando uma empresa ganha a concessão para explorar comercialmente uma usina hidrelétrica, entre as suas responsabilidades está o repovoamento do rio com peixes, uma vez que a interrupção de seu fluxo natural também interrompe seu ciclo reprodutivo. Assim, a cada

ano as concessionárias depositam nos rios uma imensa quantidade de alevinos (peixes filhotes), supostamente nativos, nos rios com barragens.

Escrevi supostamente nativos, porque é o que o contrato diz. Mas o rio São Francisco, por exemplo, tem uma população de tilápias africanas que elimina quase todos os outros peixes, criando um novo ecossistema com muito menos biodiversidade, além de ocasionar outros problemas ecológicos. Quem povoou o rio com as tilápias, é a pergunta a que ninguém quer responder.

O rio Paraná tem um ecossistema completamente diferente do que tinha há 100 anos. Menos diverso, em menor quantidade e com muitas espécies exóticas. Isso, para o professor Stevaux, já é uma catástrofe. Porém, o segundo problema pode ter consequências globais.

Quando um rio sem barragens chega ao oceano, a carga de matéria orgânica serve de alimento a uma cadeia alimentar enorme que principia com plânctons e pequenos animais marinhos e se estende às aves, peixes e mamíferos de grande porte em todo o planeta. Quando um grande rio chega no mar com uma quantidade pequena de matéria orgânica, a cadeia toda é afetada. E então, a população de ursos polares começa a diminuir drasticamente e não conseguimos entender por quê. Barragens podem afetar todo o fluxo alimentar global, quando em grande escala.

RIO PARAGUAI E RIO TIETÊ

Outros dois rios escolhidos na série fazem parte da Bacia do Paraná e têm, portanto, barragens e outras coisas más.

O primeiro é o majestoso rio Paraguai, que devolve o aspecto de rio ao próprio Paraná, sendo seu tributário mais importante. Seu nome, Paraguay, em Guarani, língua oficial do país que leva o mesmo nome, significa "águas que levam ao mar".

É curioso pensar que alguns dos grandes rios brasileiros fazem referência ao mar. "São tão grandes quanto o mar", ou "levam ao mar". Os povos originários têm muita clareza de como as águas no planeta estão conectadas em um sistema que circula entre bacias hidrográficas, oceanos e rios voadores, nome atribuído à circulação das nuvens carregadas de água que percorrem regiões do globo. Rio, mar e chuvas são parte da mesma cadeia.

O rio Paraguai nasce nas 7 lagoas, no estado do Mato Grosso, na cidade de Alto Paraguai, e corre em direção ao sul da América do Sul, rasgando o continente ao meio, escoando as águas da região central, chegando ao rio Paraná. É o principal formador do Pantanal brasileiro, um ecossistema rico, diverso e nada preservado. Este rio foi muito usado no processo de ocupação colonial da América do Sul porque dá acesso fluvial ao oceano Atlântico. Conecta o coração do continente ao Mar da Prata, na Argentina.

As 7 lagoas formadoras do rio Paraguai estão sufocadas em meio a uma imensidão de soja. Em seu nascedouro o rio já tem níveis críticos de agrotóxicos. A monocultura é um modelo de negócio que só cresce no Brasil, exigindo cada vez mais território. O Centro-Oeste brasileiro é território do agronegócio. A pergunta lógica que podemos formular frente a esse dado é: como o agronegócio irá escoar sua produção agrícola para exportação do coração da América do Sul?

A resposta se chama "Hidrovia Paraguai-Paraná^[4]", um megaprojeto desenvolvimentista da década de 80, que possibilita que navios imensos, tão grandes quanto transatlânticos, possam navegar até a região central do continente sulamericano. Esses navios chegam a ter calados de 15 metros e carregam centenas de milhares de toneladas do que quisermos. Navios que precisam de rios profundos, retos e largos.



Navio para transporte de cargas navegando no rio Paraná na cidade de



Rio Tietê na cidade de Guarulhos, grande São Paulo.



e Rosário, Argentina.



O Pantanal, bioma que vai até a foz do rio Paraná, chamado também de "humedales" na Argentina, Paraguai e Uruguai, cujo rio formador é o rio Paraguai, é uma área gigantesca de armazenamento. A região é alagada e depois seca em um regime anual que alimenta e nutre uma biodiversidade única no mundo. E como essa região alaga? Com muitas chuvas, rios capilarizados, com pouco declive e extremamente sinuosos.

Se o agronegócio precisa de rios largos, retos e profundos para conduzir seus imensos navios cheios de soja e as áreas úmidas são o oposto disso, o que fazer?

A solução, que os gestores públicos juntamente com a iniciativa privada criaram, foi retilinear trechos dos rios Paraná, Paraguai e alguns de seus maiores afluentes e dinamitar ou dragar o fundo dos rios, para aumentar sua profundidade. As consequências ambientais, como se pode imaginar, são devastadoras.

Atualmente, com as questões climáticas mordendo nossos calcanhares e com isso criando maior nível de consciência ecológica, este projeto de hidrovía tem sido muito questionado. Há um grande conflito instaurado e as possíveis soluções não agradam nem a ambientalistas e populações ribeirinhas, nem aos investidores do projeto. O problema até o momento não tem solução, apesar da pressão intensa dos grandes investidores de soja e carne bovina, principalmente, que desejam simplesmente movimentar a economia mundial a qualquer preço.

O segundo rio da Bacia do Paraná também incluído nessa série foi o rio Tietê, paulista do começo ao fim e, talvez por isso mesmo, degradado em pelo menos metade dos seus 1120 km de comprimento. No início do trajeto, na região metropolitana de São Paulo, o nível de oxigênio chega literalmente a zero, eliminando quase a totalidade da vida subaquática. Ele vai se limpando e se purificando da presença humana pouco a pouco, até chegar em Barra Bonita, na metade do caminho, quando recebe as águas do gigante rio Piracicaba, que dilui o restante de resíduos humanos de suas águas. Ele chega finalmente ao rio Paraná já completamente limpo. Eu mergulhei no Tietê na sua foz e vi a cidade alagada de Itapura, submersa nas suas águas translúcidas e cheias de vida. Experiência fascinante que levarei comigo por muito tempo.

O rio Tietê tem cerca de 12 milhões de anos^[5]. Estava aqui antes da humanidade e certamente estará depois dela. Na linha do tempo de um rio, nossa presença, nossa sujeira, nossa arrogância não durarão mais que poucos segundos. O tempo de existência de um rio acha-se em outra escala e os anseios de consumo humano são felizmente insignificantes. Não poluir um rio não é exatamente um bem para o rio. A vida transcende em muito a passagem rápida da humanidade no planeta.

RIO DOCE

O rio Doce foi o quinto rio que percorri. Ele pertence à bacia hidrográfica do Atlântico Sudeste, nasce no estado de Minas Gerais e chega ao mar no estado do Espírito Santo, depois de percorrer 850 km. A principal motivação pela escolha desse rio foi evidentemente o rompimento da barragem de resíduos de mineração na cidade de Mariana, que pertence à empresa Vale do Rio Doce. Queria muito entender as consequências socioambientais da lama tóxica que percorreu o mesmo trajeto que fiz, da nascente à foz do rio Doce.

Primeiro e antes de tudo, um rio não morre.

Sua vida é como a de uma entidade, uma ideia. Um rio é parte de um complexo organismo em constante mutação, chamado planeta Terra. Tem o status de uma floresta, de um oceano, de uma cordilheira. É anterior à vida orgânica, é existência por si só. A fauna e a flora de um rio é que podem morrer. Para, depois de algum tempo, renascer novamente, com novos peixes, plantas e relações.

Quando os 62 milhões de metros cúbicos de lama tóxica⁽⁶⁾, proveniente da lavagem dos resíduos de mineração, com arsênio, chumbo, mercúrio e outras substâncias químicas, desceram rio abaixo e se diluíram no mar, o nível de oxigênio do rio Doce chegou quase a zero, matando todos os seres vivos submersos em suas águas. Assim, aquele rio Doce morreu.

"Não podemos afirmar ainda quais as consequências precisas dessa contaminação, ou quanto e o que ela

afetará. Nem quanto tempo irá demorar para a vida no rio se reconstituir. Toda afirmação ainda é mera especulação", disse a professora Alessandra Kozovits, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Porém, de qualquer forma, a morte não foi o único problema vivido nesse território.

A vila de Bento Rodrigues, o primeiro lugar atingido pela lama, às margens do rio Gualaxo do Norte, tributário do rio do Carmo, um dos rios que formam o rio Doce, foi quase na sua totalidade devastada. Seus moradores, descendentes de uma comunidade pesqueira e quilombola, saíram de suas casas pela manhã e quando voltaram, no final do dia, não tinham mais casas. Literalmente. As paredes, o telhado, seus pertences, tudo o que tinham, documentos, fotos, objetos, tudo, desceu junto à lama.



Casa remanescente na vila de Bento Rodrigues – Mariana, Minas Gerais.

Nesse mesmo dia a vila foi evacuada pela mineradora Vale do Rio Doce e os moradores foram levados para lugares seguros. O lugar foi fechado à circulação por tempo indeterminado, inclusive a circulação de seus antigos moradores. A empresa iniciou então, no menor tempo possível, próximo à área original, a reconstrução de uma nova vila, que seria entregue às famílias atingidas.

No entanto, as pessoas que viviam em Bento Rodrigues estavam lá há gerações. Seus tataravós pescaram lá. Seus avós e pais estavam enterrados lá. Casamentos foram celebrados no povoado. Crianças cresceram tomando banhos nas águas do rio, comendo fruta no pé das árvores, ralando o joelho quando caíam de bicicleta. O lugar acolhe as vidas e os segredos de gerações. A vila não era apenas um espaço físico habitado por gente. Era um território vivo.

Quando os habitantes de Bento Rodrigues foram impedidos de voltar às ruínas de suas casas, desconfiaram que havia outras intenções por trás do suposto acidente. Aquele subsolo, ainda não explorado pela mineradora, estava no meio de uma região já exaurida de minérios, que demonstrava claros sinais de esgotamento. Muitas pessoas especularam sobre os interesses da empresa e dos meios para atingir esses interesses. Mas o fato foi que na calada da noite um pequeno grupo de ex-moradores ocupou suas próprias casas.

Eles não queriam sair do vilarejo. Abriram um processo contra a empresa para terem o direito de permanecer no local, assumindo as consequências dessa decisão. Se definiram como "Loucos por Bento Rodrigues".

Filmei esse grupo durante dois dias. Também caminhei pela vila fantasma e pelo grande vazio que restou depois da lama. Tudo muito sombrio, tudo muito triste, tudo muito injusto. Me perguntei durante muito tempo sobre as motivações daquela gente. Porque aquele lugar era tão importante pra eles? Por que lugares são importantes para as pessoas?

Irmã Neusa, da Congregação das Irmãs da Divina Providência e militante das causas do rio São Francisco, conta que até o início dos anos 70, mais precisamente até o início do modelo de agronegócio praticado até hoje, as margens dos rios eram áreas indesejadas, não valorizadas, cheias de doenças. Principalmente a febre amarela. "Todos os indesejados e párias de nossa sociedade foram despejados nas beiras dos rios em um passado recente", disse ela.



Pescadora quilombola do rio São Francisco na cidade de Pirapora - MG.

Quando foi declarado o fim da escravidão no Brasil em 1888, um grande número de homens e mulheres escravizados e colocados à margem do sistema produtivo e da nossa já precária civilização foram mandados para próximo aos rios, lugar onde "não vivia mais ninguém". Como resultado dessa política higienista, no rio São Francisco, por exemplo, muitas comunidades de pescadores, agricultores e gente que vive dos rios e suas águas são remanescentes de quilombos e populações afrodescendentes.

É mesmo curioso que o desenvolvimento urbano do Brasil tenha virado as costas para os rios. Eles não são apenas escoamento de lixo. São encobertos e canalizados sempre que possível. Às suas margens são construídas avenidas e as casas são orientadas de forma que os quintais e áreas de serviço tenham acesso ao rio, e as fachadas, viradas para o lado oposto.

O problema é que, quando os rios tornaram-se essenciais para o agronegócio, os grandes proprietários de terra passaram a enxergar uma vasta população ribeirinha, até então invisibilizada. Isso sem falar das populações indígenas

que sempre estiveram por lá. E então, o que se tem feito é expulsar violentamente essas populações. Mesmo tendo vivido por gerações nessas terras, essas pessoas não têm documentos de sua posse e têm grande dificuldade de comprovar há quanto tempo ocupam aquele território.

Esses deslocamentos forçados são na sua maioria violentos. Vi e filmei esse cenário nas margens do rio São Francisco, no rio Parnaíba e no rio Tapajós. Arriscaria dizer que isso é comum a quase todo rio no Brasil. A propriedade privada é sagrada, principalmente quando é lucrativa. E essas pessoas que outrora foram obrigadas a viver nas margens dos rios tendo que lidar com a febre amarela, tornam-se, do dia pra noite, invasores de terra e criminosos.

RIO PARNAÍBA

No rio Parnaíba, sexto rio da série, a Comunidade Quilombola Arthur Passos, na cidade de Jerumenha, Piauí, vive um desses conflitos. Embora sua terra tenha sido demarcada em 2010, seu modo de vida tradicional implica uma intensa movimentação entre as terras adjacentes às suas. Criava-se gado solto e plantava-se em um sistema de agrofloresta. Quando uma empresa multinacional de exploração de xisto e gás natural comprou as terras ao redor do quilombo, as cercou e proibiu o acesso, a comunidade deixou de realizar um tipo de atividade de agricultura e pecuária que praticava há pelo menos 250 anos. Isso desestabilizou o equilíbrio econômico e social da comunidade, além de causar incômodo e revolta em alguns quilombolas. A área de que dispunham era insuficiente para garantir a saúde da comunidade, e isso gerou conflitos armados, com mortes, e o êxodo dos mais jovens na direção aos grandes centros urbanos. As lideranças entraram com um pedido no Ministério Público para que pudessem ter o usufruto de parte das terras da empresa, sem transferência de propriedade, uma vez que isso não iria ter qualquer consequência na sua atividade econômica. Desde 2016 o processo está parado e os quilombolas proibidos de exercer as atividades que tradicionalmente exerciam.



Rio Parnaíba na cidade de Jerumenha - PI.

RIO TAPAJÓS

Ao descer de um ônibus urbano em meados de 2016, Cássio Bedá, antropólogo e ambientalista que trabalhou no Cimi (Conselho Indigenista Missionário) junto ao povo indígena Munduruku, no Alto Tapajós, não conseguiu sustentar seu próprio peso e tombou pesadamente no chão. Não teve ferimentos graves, mas ficou bastante surpreso com a fraqueza de suas pernas.

Após esse evento, sucessivamente, outras fraquezas surgiram, no princípio lentamente, depois, cada vez com mais frequência. Não tinha força muscular, passou a falar com alguma dificuldade. Derrubava objetos e se movimentava de forma atabalhoada. Tinha por volta de 35 anos e jogava capoeira desde muito tempo. Depois de meses de exames e testes para identificar as causas desses problemas, os médicos finalmente chegaram à conclusão de que ele havia sido intoxicado por mercúrio e que, infelizmente, os efeitos eram irreversíveis.

Ele havia vivido por dois anos na cidade de Itaituba, no Pará, onde esteve muito próximo a algumas aldeias do povo Munduruku. Sua dieta durante esse período tinha bases em peixes do próprio rio. Foi contaminado com mercúrio proveniente do garimpo ilegal no rio Tapajós. Cássio faleceu em 2021.

Esse rio, o sétimo e último da série, pertence à bacia do Amazonas e é um dos poucos grandes rios brasileiros que ainda não tem nenhuma barragem. Chega nas águas barrentas do Amazonas praticamente do mesmo jeito que chegava há 500 anos. Abrange Florestas Nacionais, Reservas Extrativistas e Terras Indígenas, em uma área bastante preservada da floresta. De fato, entre todos os rios que filmei, o Tapajós no princípio me causou algum alívio. A paisagem é absolutamente estonteante. A floresta é imensa e vibrante e é até difícil acreditar que as águas desse rio estejam realmente contaminadas por mercúrio.



Rio Tapajós na cidade de Jacareacanga - PA.



Após o incidente com o antropólogo foram feitos testes de níveis de mercúrio nas populações ribeirinhas e o resultado das amostras foi alarmante. Centenas de milhares de pessoas têm níveis de mercúrio acima do que a Organização Panamericana de Saúde e a Organização Mundial de Saúde entendem como toleráveis[7].

Entre as populações contaminadas está o povo Munduruku, que ocupa territórios margeando o rio há centenas de anos. De maneira sustentável, eles têm mantido a floresta conservada desde que ocuparam a região e agora se veem obrigados a lidar com um Estado que, não apenas não proíbe o garimpo ilegal, mas o estimula.

Porém a contaminação química não é a única ameaça para a região.

Existem centenas de projetos de barragens na bacia do Amazonas, o que inclui o rio Tapajós. As populações ribeirinhas, que vivem na área há gerações, estão em conflito permanente com uma rede de atividades ilegais de grilagem e garimpo que vem se espalhando pela floresta de maneira descontrolada, com impactos em larga escala. Muitos conflitos armados. O retificação do rio e o aprofundamento das calhas, para que seja possível a passagem de grandes navios para o escoamento da produção agrícola do interior dos estados do Mato Grosso e Pará, é também uma ameaça. A pressão econômica desenvolvimentista é enorme, principalmente sobre as populações tradicionais e indígenas. O lado mais fraco da corda.

Conversei com Alessandra Munduruku, que estuda direito em Santarém, Pará. Do alto de uma colina ela me mostra os enormes navios que viajam pelo Tapajós com insumos agrícolas repletos de agrotóxicos. Eles seguirão o rio Amazonas para chegar no oceano Atlântico em direção à China, Índia, Rússia e Europa. Tanto faz o destino. A visão é mesmo distópica. Navios que enfrentam as intempéries oceânicas navegam em rios também oceânicos.

"Esse progresso que está sendo levado pra gente não é um progresso pra você olhar pro seu irmão. É um progresso para deixar você com fome, sem território, sem rio, sem terra. Desenvolvimento para quem? Desenvolvimento pra deixar a gente pobre", diz Alessandra.



Porto no rio Tapajós em Santarém - PA.

Lembrei-me dos Avá-Guarani às margens do rio Paraná. Com a formação do Lago de Itaipu, eles não apenas saíram de suas terras, como assistiram as cataratas das Sete Quedas, o lugar onde as almas Guarani ascendiam aos céus, sendo engolidas pelas águas. O progresso afogou uma das cataratas mais lindas do mundo. "Para nós Guarani, tudo isso é uma grande destruição" disse a vice-cacica Takua Rokay Ponhy, da aldeia Takoa Y'hovy.

Desenvolvimento para quem? Essa foi a pergunta que mais me fiz ao longo deste trabalho.

Terminei de filmar a série com sentimentos contraditórios.

A experiência das viagens foi intensa, assim como são intensas as memórias das pessoas que conheci. Para a maior parte delas, a luta por direitos não é opção de vida, é necessidade. Gente para as quais amor e política caminham juntos. Estive no Brasil

profundo, no Brasil em que as políticas públicas fazem total diferença. Troquei afetos, ainda que breves, com pessoas que desejam viver bem, com dignidade, em uma relação sustentável com o seu meio, entre os seus, vivendo suas tradições. Pessoas com um tipo de conhecimento que vai muito além daquilo que pode ser aprendido em uma universidade, espaço tradicional do saber. Filmei distintos modos de vida, outras formas de se estar no mundo, que evidenciam a potência e a força da pluralidade, da diversidade de corpos e percepções de mundo. Tive o imenso privilégio de conhecer distintas etnias dos povos originários desse território, que tanto têm a nos ensinar. Essa experiência me marcou profundamente e sou grato por ter tido a chance de vivê-la.

Porém, filmei também as consequências nefastas das desigualdades sociais, da pobreza e da ganância. Da ausência de políticas ambientais e de um projeto consistente de distribuição de renda. Registrei os efeitos de um sistema econômico e político que lida com dados e estatísticas e não com existências, e observei como decisões políticas arbitrárias impactam a vida cotidiana de milhares de pessoas e de territórios.

Há um abismo profundo entre a compreensão de mundo de quem lê e assiste as mazelas sociais e ambientais e de quem as vive. Ir de casa para o trabalho, do trabalho para a academia, da academia para o clube, do clube para o shopping e do shopping para a casa, todos espaços privados, não sensibiliza, não toca, não mobiliza. Mesmo que de seus escritórios e casas as pessoas leiam ou assistam notícias sobre o mundo. É preciso viver o mundo de verdade, sujar os pés no mundo.

Deparei-me com todos os meus privilégios de classe. Como homem branco e cisgênero, bem educado do Sudeste, percebi a profunda injustiça que minha condição revela. No Brasil, o fato de poucos terem tanto faz com que muitos tenham pouco. A desigualdade tem cor, tem raça e tem nome. Tem quem queira.

A série Da nascente à Foz me deixou de certa forma doente. Fiquei doente de Brasil.

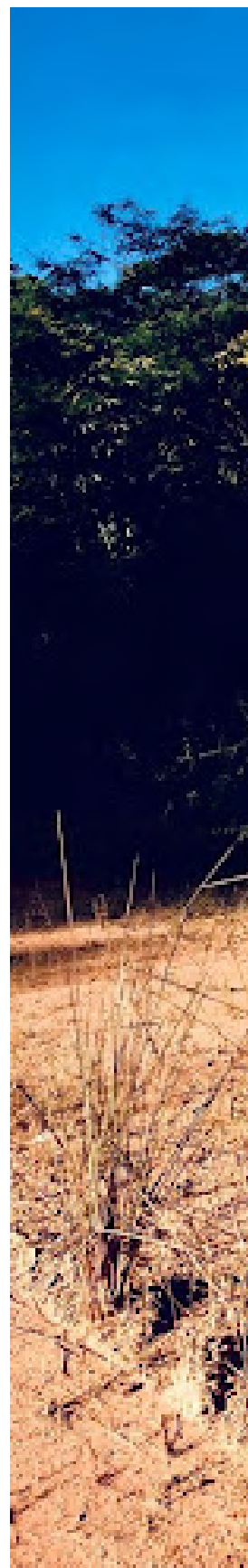
Meu pai foi professor de física durante toda sua vida. Sempre foi apaixonado pelas leis da natureza e fala com muito entusiasmo de como as coisas funcionam. “Se Deus existisse, ele seria a gravidade”, conta. “Essa é a força mais poderosa do universo. A que organiza todos os corpos celestes, que possibilita a vida na terra. Isso faz com que existam sistemas solares, planetas, cometas, tudo, enfim.”

Ele tem uma espécie de epifania frente aos feitos humanos. As conquistas tecnológicas, principalmente. Tem orgulho da espécie humana. Orgulha-se de termos conseguido ir à lua, ter estações espaciais orbitais, ter inventado satélites, telescópios, microscópios, fibra óptica, transplantes cardíacos, nanotecnologia, internet, telefones sem fio e todo o resto. Vibra frente a grandes obras urbanas, edifícios de cem andares, túneis de cem quilômetros, concreto armado que suporta cem toneladas. Gosta de ser gente e por isso acha que estamos de fato no centro da vida na terra. Somos especiais e diferentes do resto dos animais. Para ele, existimos nós, humanos, e todo o resto, a natureza. Somos de categorias diferentes. E essa diferença se dá basicamente porque somos inteligentes. Meu pai admira a inteligência humana.

Devo admitir que antes mesmo da série eu já suspeitava de que não éramos tão inteligentes quanto meu pai acha. Mas depois dela cheguei à conclusão definitiva de que a espécie humana não é mesmo muito inteligente.

Somos, sim, talentosos. Excepcionalmente talentosos. Capazes de realizar com excelência determinada ação, reflexão, feito ou obra. Mas não temos a capacidade de gerenciar todos os diferentes aspectos de nossa existência de forma sustentável e equilibrada. Tendemos sempre aos extremos.

Não acho sinal de grande inteligência defecar e urinar na água em que se bebe. Não consigo achar inteligente uma degradação sistêmica ambiental tão impactante que o próprio clima na terra seja afetado. Não é sinal de inteligência consumir os recursos naturais até a exaustão, de modo que todo o planeta seja afetado em sua estrutura. Não é definitivamente inteligente construir civilizações nas quais as pessoas não possam circular livremente entre países. Muito menos construir armas que podem nos destruir por completo. A desigualdade social é tão brutal, tão violenta, tão injusta que não ousaria chamar de inteligente o sistema que produz essa desigualdade. Se o maior feito da humanidade foi criar os conceitos de democracia, do direito e da liberdade, não consigo ver muitas razões para comemorarmos. Em definitivo, o capitalismo é uma demonstração clara de falta de inteligência.



Placa na Rodovia Transamazônica



ônica, em algum lugar do estado do Pará.

Algumas das lideranças indígenas no Brasil vêm fazendo críticas contundentes a esse respeito e têm proposto reflexões e práticas que passam pelo consumo sustentável, recuperação de biomas e justiça ambiental. De fato, a participação de algumas dessas lideranças no cenário político brasileiro me faz sentir algum alento. Além disso, existem dezenas de experiências bem sucedidas em curso em todo o planeta - em especial na periferia do capitalismo global - que apontam para caminhos de sustentabilidade, de reparação histórica e ambiental e de justiça social. A economia solidária, a prática da agrofloresta, o ativismo ambiental, a indústria de reciclagem e as políticas de cotas são alguns exemplos que eu poderia citar de avanços civilizatórios.

Me agrada pensar que não deveríamos separar a humanidade de todo o resto. Deveríamos pensar em nós, a natureza. Como seres integrados, interdependentes, em uma grande teia de relações sistêmicas. A competição não é a força motora das civilizações. E sim a cooperação. Assim,

se uma bacia hidrográfica está degradada e doente, estamos todos doentes.

Realmente não tenho respostas às inquietações que este trabalho me trouxe. Também não sei como mudar as inúmeras contradições que vivo diariamente. Não sei como fugir da necessidade de trabalhar e ganhar dinheiro. Não sei como não queimar combustíveis fósseis ou como deixar de comer carne. Não consumir e não poluir exigem um nível de coerência que me parece quase impossível estruturalmente...

Sei perfeitamente que nossa sociedade é infinitamente mais complexa do que fui capaz de narrar neste relato. Está claro que dividir o mundo entre inteligente ou não é reduzir e simplificar muito a questão. No entanto, também sei que é preciso sair de nossa zona de conforto, puxar nosso próprio tapete, ou, como diz Eliane Brum, é preciso amazonizar-se^[8]. Mudar os paradigmas e as lentes com que vemos nossa própria realidade.

De fato, não sei se temos outra opção.

NOTAS

[1] Parque Nacional é uma das categorias de unidades de conservação de proteção integral da natureza definidas na Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, encaixadas na categoria II pela IUCN. São administrados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), uma autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente criada em 2007.

[2] "Bem Viver" é um conceito originalmente utilizado por povos originários andinos que hoje é usado para conceitualizar a cosmovisão de comunidades tradicionais que se organizavam a partir do coletivo. É um modo de vida que abarca a relação entre as pessoas, a natureza e o modelo econômico em sociedades que não têm no capitalismo o modo possível de se organizar.

[3] https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacia_do_Paran%C3%A1

[4] O projeto de hidrovía Paraguai-Paraná foi concebido originalmente na década de 80 pelos cinco países da Bacia do Prata: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Estavam previstas pesadas intervenções de engenharia tais como derrocamento, dragagem e canalização estrutural em centenas de trechos ao longo de todo o sistema formado pelos 3.400 km dos dois rios -, desde Cáceres, no Mato Grosso, Brasil, até Nueva Palmira, no Uruguai. O tramo norte, onde está o Pantanal, seria o mais impactado com drenagem de extensas regiões, perda de biodiversidade e alteração na dinâmica ecológica de todo o sistema. <https://eco.org.br/infraestrutura/hidrov%C3%ADa-parana-paraguai/> <https://eco.org.br/wp-content/uploads/2019/05/hidroviaparanaparaguai-megaprojetorearticulado->

[poralcidesfaria.pdf](#)

[5] https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Tiet%C3%AA

[6] <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-11/rompimento-liberou-62-milhoes-de-metros-cubicos-de-rejeitos-diz-mineradora>

[7] <https://iris.paho.org/handle/10665.2/8145?locale-attribute=pt>

[8] O termo amazonizar-se é usado por Eliane Brum, no seu livro Benzeiro Ôcôtô - Uma viagem à Amazônia, centro do mundo, publicado pela Companhia das Letras. Reproduzo aqui a resposta da própria autora sobre o termo, publicada pelo site de notícias Mongabay - Notícias ambientais para Informar e Transformar em 11 de novembro de 2021:

Mongabay: Você fala no livro que precisamos nos "amazonizar". De onde surgiu essa ideia?

Eliane Brum: É um termo muito utilizado pelos grupos aqui. Mudar seu jeito de viver nesse planeta. A gente está numa super emergência climática, e precisamos sair disso rápido. Isso significa amazonizar-se, deslocar os centros do mundo. Colocar a Amazônia no centro é mudar o pensamento que vai liderar o processo, aqueles que há milênios vivem na natureza sem destruir a natureza. Não dá para olhar para a Amazônia, para as queimadas e pensar que é algo longe. O primeiro passo é se perceber conectado, a gente está em um momento limite e tem que fazer o que a gente não sabe, junto com os outros. São coisas concretas, como por exemplo lutar para o Bolsonaro sair. Isso é bem concreto.

Biografia do Autor

Hidalgo Romero é formado em Arquitetura e Urbanismo na Unesp, é mestre em Mídias no Instituto de Artes, pelo departamento de Mídias da Unicamp e cursou a oficina de roteiro de cinema na Escola Internacional de Cine e TV de San Antonio de los Baños, em Cuba, em 2005. É sócio fundador da produtora de documentários Laboratório Cisco desde 2006 onde atua como produtor, diretor e roteirista, tendo trabalhado em diversos longas, médias e curtas metragens premiados em festivais no Brasil e no mundo, além de séries televisivas.

A Cisco tem como base Barão Geraldo, na cidade de Campinas e se insere no panorama das produtoras audiovisuais do interior do Estado de São Paulo. Os temas com os quais a produtora trabalha giram em torno dos Direitos Humanos, Meio Ambiente, Movimentos Sociais e Cultura Popular.

A série com 13 episódios de 26 minutos Da Nascente à Foz é um produto independente e teve sua primeira exibição no Canal Futura em 2020 e 2021. Conheça a série e demais obras da Cisco:

www.laboratoriocisco.org

O VAZIO PREENCHIDO

AUTORA
Vitória Helena Blecha Cardoso e Silva
7º Semestre Arquitetura e Urbanismo
Puc - Campinas

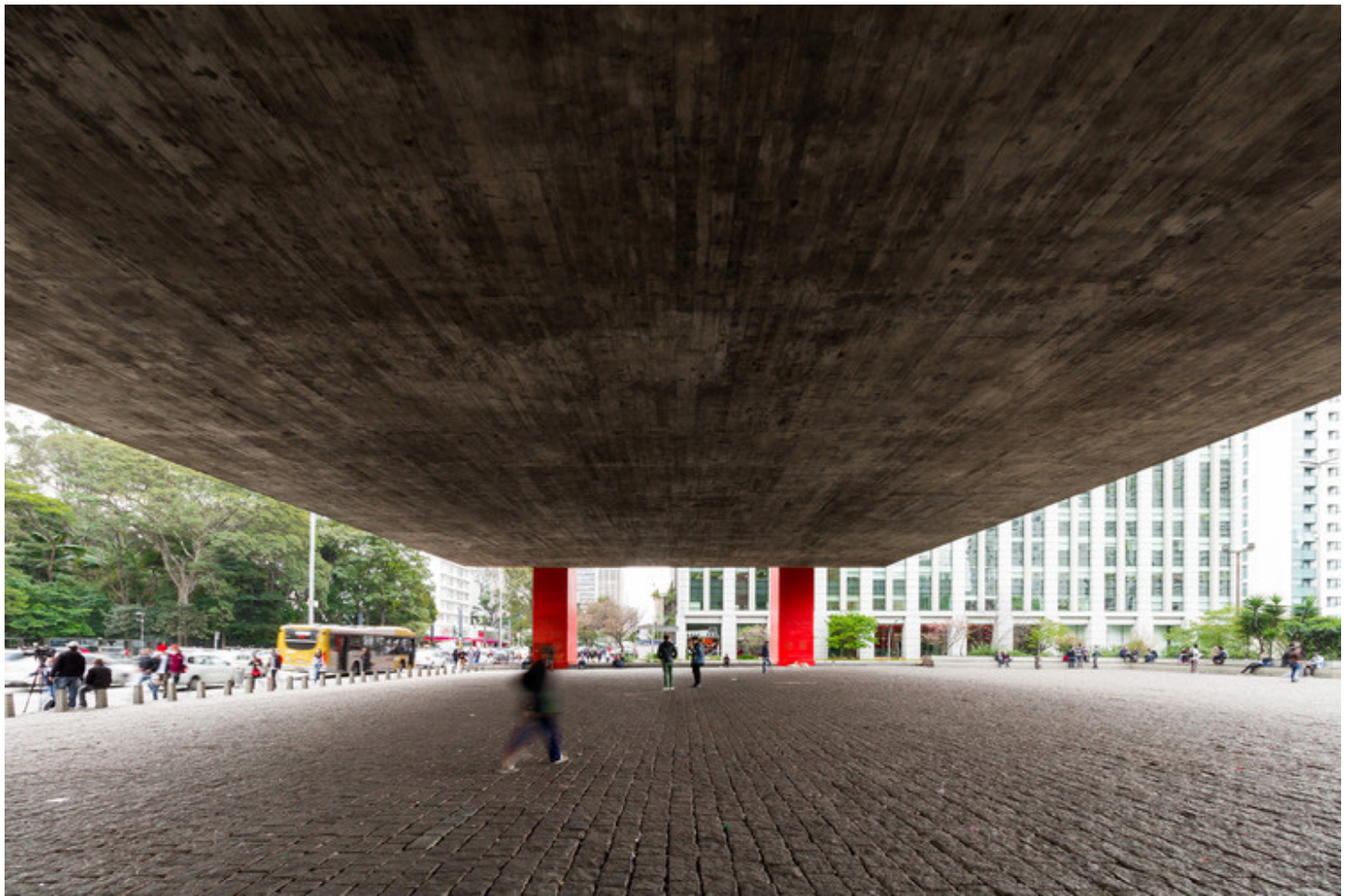
Por muito tempo, agora, eu me vejo encantada. Maravilhada pelas diversas e únicas sensações geradas por cada casa, cada esquina, cruzamento, prédio, praça... Por cada espaço com o qual meu corpo se depara. E enquanto ele faz o papel de sentir os desdobramentos materiais, desde a minha adolescência minha mente vai divagando, imaginando os marcos históricos que se passaram na Matriz, nas curiosidades de quem entrou no Casarão quando ainda era atrás da Igreja do Carmo ou nas rodas de quem dá uns tragos na Praça do Voga.

No entanto, até agora eu não tinha conseguido identificar o que era essa Coisa com "c" maiúsculo que me saltava aos olhos e preenchia meu peito com uma admiração paralisante. Até então não tinha um nome. Foi só depois de ler o livro "O Corpo Encantado das Ruas", de Luiz Antônio Simas, que esse sentimento etéreo - ou pelo menos uma parte dele - ganhou fisicalidade, finalmente recebeu um nome: a Construção de Sociabilidades.

Explico: quando você entra na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, por meses - ou anos - tentam te ensinar sobre o vazio. E quando você começa a entender uma partezinha diminuta dessa força intangível, que está ali num plano quase que espiritual, você começa a querer explicar para os outros: sua amiga, seu vizinho, sua prima, quem quer que seja, para quem quer que apareça no seu caminho você quer falar sobre o vão livre do MASP, sobre as marquises numa grande avenida, sobre as esquinas agigantadas de Buenos Aires. Mas pouca gente entende, pouca gente sente - como um arquiteto curioso sente - a força dessa entidade vazia.

E cá entre nós, é difícil mesmo entender a potência de um vazio. Até o momento no qual te cai a ficha de que um bom vazio está ali para ser preenchido. Preenchido de vida, de canto, festa, choro, música, protesto, feira, circo e o que mais der. Um bom vazio é voltado para a cidade, para o povo. Uma praça, um Largo em frente uma Igreja, uma rua fechada aos domingos. E é essa aí a boa arquitetura. Uma arquitetura cheia de luz, ar e possibilidades. Uma união entre arquitetura e urbanismo que não fala de si, não fala do autor. Fala de quem vai usar, de quem vai significar, da criação de cultura que vai se dar ali.

Por isso o nome dado por Simas é tão cirúrgico, e devo dizer, charmoso. A divindade da Arquitetura se encontra justamente ali: na capacidade de fornecer espaços para a construção de sociabilidades.



[Vão Livre do MASP, São Paulo, São Paulo. Ano: 2018. Autor: Romullo Fontenelle.]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SIMAS, Luís. O Corpo Encantado das Ruas. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Ei, aqui embaixo. Eu existo!

AUTORA
Letícia Ternes Coldebella
Arquiteta e Urbanista

Olhe para os lados. Há crianças por aí? Nos pontos de ônibus, nos restaurantes, nas padarias, nos mercados públicos ou nas praças, há crianças? Sinto que só as vejo sendo arrastadas pelo braço, de um lado para o outro, por seus cuidadores que temem pela sua segurança. Faz tempo, que não as vejo na rua pulando amarelinha, você vê? Me entristece não encontrar mais a infância livre que costumávamos ver.



Figura 1: [Meninos brincando na praia, 2022. Autor: Eduardo Delgado (@ehbdelgado), acervo pessoal].

Culpam os tablets, os celulares, os computadores, as telas. "Ah, essa tecnologia que acaba com a infância" - dizem. "Na minha época, ficávamos na rua jogando bola até a noite, depois do jantar". Esqueceram-se eles, que a cidade para brincar sumiu, sumindo, na mesma proporção que os muros foram substituídos por prédios. Esqueceram-se eles que, a vida não é mais a mesma, que as crianças andam com rotinas mais cheias de cursos, reforços e estudos. Esqueceram-se eles, que as crianças já quiseram parar de brincar na rua, mas não puderam, pois sabe como é, a rua é perigosa. Durante a semana: não há tempo, no final de semana: não quer que adulto quer passar o dia no parquinho? Basta ligar a tv e ir ao shopping para buscar entretenimento.



Figura 2: [Menina no balanço, 2021. Autor: Eduardo Delgado (@ehbdelgado), acervo pessoal].

Então, a culpa é dos cuidadores que não permitem liberdade na infância? Seriam eles os culpados por não vermos mais as crianças? - pensava eu. Até que chegou minha vez de carregar um bebê pela cidade. Assim que dois risquinhos se acenderam no teste de gravidez, percebi que não havia mais lugar para mim.

Amarrar os calçados virou uma tarefa impossível sem algum apoio para o pé, onde os encontrar na cidade? A falta de ar, comum nas últimas semanas, me obrigava a descansar, onde posso parar, sentar ou me encostar? Não há mais cidade para mim.

A vontade de vomitar repentina, me fez tantas vezes correr para um banheiro inexistente. O mesmo acontecia com a vontade irresistível de urinar, cada vez que a bebê pulava na barriga. Eu sonhava, que quando ela nascesse tudo isso acabaria, me imaginava nos parques com uma criança de colo em dias de sol.

A bebê nasceu e aqueles dias intermináveis que ficamos na maternidade e em casa, enquanto nos acostumávamos com uma rotina diferente, me fizeram ansiar pela liberdade. Logo nas primeiras saídas, percebi que era preciso muito cuidado ao andar com um pequeno ser molinho no colo enquanto desviava de obstáculos na calçada.

A primeira vez que frequentamos um lugar fechado foi um soco no estômago. Havíamos reservado mesa para jantar para dois adultos e um bebê de colo. Mal tínhamos pedido a comida e a levo ao banheiro. Procuo por todos os lados, nenhum trocador. Retorno ao garçom e pergunto onde ficam os trocadores do restaurante e ele me responde que não há trocadores. Insisto para que me ofereça ao menos uma cadeira ou mesa para eu poder forrar com papel, novamente recebi uma negativa. Naquele momento, eu quase atravessei o restaurante para trocar em cima da mesa. Só não o fiz em respeito à intimidade e privacidade da minha filha.

Penso em ir embora, mas a comida já estava sendo preparada. Ela precisava urgentemente ser trocada. Pensei em chamar meu marido para que sentasse no vaso sanitário e colocasse a bebê em seu colo. Dessa forma, eu fazia a higiene, para que pudéssemos comer. Me passou pela cabeça que eles não sabiam o que um bebê de colo fazia. Mas normalmente, já se associa bebês a fraldas e se não há trocadores, faria muito mais sentido nos avisarem que não poderiam nos receber. Passei o jantar procurando leis sobre trocadores e percebi que apesar de toda a minha indignação, não havia nenhuma irregularidade.

Os meses foram passando, até compramos um carrinho de passeio para facilitar nas trocas fora de casa, visto que já não tínhamos mais esperança de encontrá-los em lugar algum. Percebo então, que carrinhos não foram feitos para andar em calçadas. Pelo menos, não nessas, faltam rampas, e quando não as faltam, são muito íngremes, além de haver buracos e obstáculos.

Até que em uma festa de casamento, ao ir trocá-la no banheiro, finalmente encontrei um trocador. Ao lado do trocador está uma mãe, sentada em uma poltrona, amamentando seu bebê recém-nascido. Ao lado dela, uma cabine de sanitário puxa a descarga. Não sei quem projetou o canto da amamentação ao lado de uma descarga, mas essa pessoa certamente nunca comeu no banheiro. Cada vez que eu ia ao banheiro, lá estava a mulher amamentando seu filho. Tantos outros lugares seriam mais silenciosos e, ao menos, dignos, mas não querem nos ver.

Eu me faço vista amamentando. Tantas vezes me mandaram para um cantinho e, cada vez que eu ia, me sentia mais isolada socialmente. A livre demanda da amamentação não tem horário, não tem aviso, é quando o bebê tem fome ou necessidade de aconchego. Pode ser no meio de uma conversa importantíssima ou pode ser em uma conversa informal, com o sentido e a profundidade que um bebê não consegue transmitir em palavras. Já me aconteceu de ter que amamentar no meio de um longo corredor no supermercado, enquanto o bebê gritava incessantemente. Não há lugar para sentar. Peito pra fora, bebê no colo, empurrando um carrinho. Se eu tivesse qualquer outra alternativa, certamente não sairia com um bebê de quase 10kg agarrado no peito, enquanto ando, mas não há sequer um banquinho ao longo de tantos corredores ou um apoio para o pé, que seja. Quando o pulso começa a arder e sinto que não vou mais aguentar, finalmente ela me solta e posso ter um pouco de sossego.

Engraçado que até sossego não nos é permitido. No meio de um café, na padaria, dou o primeiro gole e a bebê começa a chorar. Sinto o cheiro subindo. É a fralda. Meu marido toma a frente para trocar a criança, que agora já está aos gritos e se isso para você, é uma criança mimada, tente se imaginar sujo, sem possibilidade de se trocar sozinho e sem capacidade de pedir para te trocarmos.

Penso que, enfim, vou tomar meu café, em um prédio comercial novo, onde esperançosamente me apegue à lei, que agora com certeza vai me proteger. Meu marido retorna poucos minutos depois, “não há trocadores no banheiro masculino”. Saio correndo, troco a criança na velocidade de quem quer tomar um café ainda quente, quando vou lavar as mãos: não existe essa possibilidade, o trocador está a pelo menos 5 passos da pia mais próxima. Se eu for correndo pra lavar, a bebê (que agora já rola) vai cair. Se eu pegá-la no colo, não consigo lavar as mãos. Penso em levar a criança ao pai e retornar para lavar as mãos. O banheiro é tão longe da padaria, que não me apetece. Chego e tomo meu café em temperatura ambiente, com as mãos de quem acabou de trocar um bebê.

Um dia desses, sentamos na grama, perto de um parque infantil. Sinto a plenitude, o vento, a textura da grama, até ouço passarinhos, sinto o sol... O sol queima. Olho para cima: palmeiras. Quem inventou que agora todas as praças só tem palmeiras? Ao fundo ouço um chorinho. Uma criança se queimou no escorregador de metal e sem árvores ao redor. Não me parece uma conta tão difícil de fazer, metal e sol não combinam, nunca combinaram. Agradeço baixinho por ainda não ter uma criança que queira descer no escorregador. Acabou o passeio, para nós que estávamos queimando na praça, para o menino que se queimou no escorregador e para todas as crianças que ficaram com vontade de urinar. Dessa vez não faltam só trocadores, faltam banheiros mesmo.

Sendo, além de mãe, arquiteta, não posso deixar de enfatizar a responsabilidade social que carregamos na ponta do lápis. Somos parte dos culpados por acorrentar a infância dentro de casa. É no traço de arquitetos e arquitetas que crianças são invisibilizadas, e não somente elas, mas também todo o grupo encarregado de seus cuidados (mães, pais, cuidadores e gestantes). Criamos cidades hostis para a infância.



Figura 3: [Sapatos na janela, 2022. Autor: Eduardo Delgado (@eh...)]



© eduardo delgado

[delgado), acervo pessoal].

Hoje entendo porque sumimos. O mundo adora atropelar crianças (e seus cuidadores) nas atitudes mais sutis do dia-a-dia. Deleitam-se com a calma que a nossa falta proporciona. Essa violência enraizada é completamente pensada. É para seguirmos invisíveis, confinados, silenciados e silenciosos.